



A Psicologia na FADAFI-FUCMT: História e Memória Social (1980-1993)

Psychology at FADAFI-FUCMT: History and Social Memory (1980-1993)

Bianca dos Santos Cara

Centro Universitário UNIGRAN Capital

Rodrigo Lopes Miranda

Universidade Católica Dom Bosco

Márcio Luís Costa

Universidade Católica Dom Bosco
Brasil

Resumo

Esta pesquisa em História Social da Psicologia produz uma narrativa histórica sobre o curso de graduação em Psicologia das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT). Ela assume que as memórias pessoais e documentais são construtos socioculturais e, assim, utiliza fontes textuais e orais para produzir tal narrativa. Os resultados apontaram que o curso atendeu a uma demanda de "modernização" da cidade de Campo Grande por meio do desenvolvimento do ensino superior. Além disso, atendia a demandas sociais, políticas e econômicas da expansão do Oeste, capitaneadas pelo governo militar brasileiro à época. Isso ocorreu a partir de um currículo operacionalizado de forma particular se comparado aos indicativos legais, com uma tônica no campo da educação. Este artigo contribui para a preservação das memórias da Psicologia em um dos primeiros cursos de graduação do estado, ampliando saberes sobre a história da Psicologia no país.

Palavras-chave: História da Psicologia; salesianos; FADAFI-FUCMT.

Abstract

This research in the Social History of Psychology produces a historical narrative about the undergraduate course of Psychology at the *Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso* (FUCMT). It considers social and documental memories as sociocultural constructs; thus, it uses textual and oral sources to produce such narrative. Our results point out that this undergraduate course was related to the demand of 'modernization' of the city of Campo Grande through the development of Higher Education. In addition to this, it met social, economic, and political demands of West expansion promoted by the military regime at the time. This course was operationalized through an idiosyncratic curriculum with an emphasis on Education. In conclusion, this paper contributes to identifying and preserving memories of Psychology in one of the first undergraduate courses in the state, extending knowledge on the general history of Psychology in the country.

Keywords: History of Psychology; Salesians; FADAFI-FUCMT.

Para a Psicologia brasileira, a década de 1970 foi marcada por diferentes acontecimentos relacionados à sua institucionalização como formação e profissão, no



Brasil (Baptista, 2010; Jacó-Vilela, 2012; Pereira & Pereira Neto, 2003; Rudá, Coutinho, & Almeida Filho, 2015). Nessa década, por exemplo, houve a criação do Sistema Conselhos – Conselho Federal de Psicologia (CFP) e Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs). Além disso, houve um aumento no número de instituições que ofereciam cursos de graduação e, como consequência, ocorreu um crescimento do número de concluintes que impactou, inclusive, o crescimento do número de registros profissionais no Sistema Conselhos. Embora houvesse cursos de graduação, em Psicologia, em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, à época, a sua expansão se deu pela criação de cursos em instituições privadas, o que tem relação com as formas de investimento na educação superior brasileira, na vigência do regime militar (Margotto & Souza, 2017). Esse processo vinculava-se às ambições do governo em relação a um rápido desenvolvimento nacional. Por um lado, a postura governamental pressupunha o atendimento a demandas da crescente classe média urbana e, por outro, do ideário de desenvolvimento do país, estendendo a ocupação territorial (Motta, 2014). Vale lembrar, ainda, que tais ambições desenvolvimentistas estiveram associadas ao que foi chamado de “milagre econômico”, que envolveu uma abertura ao consumo por parte da classe média e produziu um ideário de que os aspectos individuais prevaleceriam aos sociais. Isso, por sua vez, impactava a profissionalização da Psicologia como campo clínico, especialmente psicoterápico (Coimbra, 1999; Mancebo, 1999). Assim, aspectos sociais, políticos e econômicos criaram condições para o desenvolvimento do ensino superior, no país (Castro, 2014; Rohten, 2008), particularmente no ensino de Psicologia.

Aquele ideário do governo militar, de interiorização brasileira com atendimento à classe média urbana, fez-se presente no, então, Mato Grosso, especialmente na parte sul do estado¹. Essa mudança estava vinculada a alterações gerais na população do Centro-Oeste, resultado da expansão territorial promovida na ditadura militar. Segundo Moro (2012),

... enquanto que o total da população brasileira cresceu em média 2,4% de 1960-75, a população da Região Centro-Oeste cresceu 4,7% no mesmo período. A população rural brasileira aumentou 0,6% nessa época, sendo que a do Centro-Oeste cresceu 2,8%. Já a população urbana do Brasil aumentou 4,4%, ... sendo que a da Região Centro-Oeste cresceu a uma taxa de 7,3%. (p.4).

No caso específico do sul de Mato Grosso, esse aumento populacional implicava em demandas de criação de estruturas citadinas para receber aqueles oriundos do Sul e Sudeste brasileiros. Assim, houve investimentos na “modernização” urbana – sobretudo em Campo Grande, cidade em expansão no cenário político-econômico do

¹ Em 1977, o estado do Mato Grosso (MT) divide-se, criando o estado de Mato Grosso do Sul (MS).



estado – que, por sua vez, demandaram a instalação de IES. A título de exemplo, foi criado, em 1967, o Instituto Superior de Pedagogia de Corumbá (ISPC) que, após um ano, abriu aquele que parece ser o primeiro curso de graduação em Psicologia do estado. O segundo curso de graduação em Psicologia de Mato Grosso foi instalado em 1975, nas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT), em Campo Grande. Esse curso da FUCMT foi o único da cidade até 2000, quando foi criado o curso de graduação da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP)². Há evidências de que o curso da FUCMT foi o principal formador de psicólogos da região em seus anos de funcionamento: entre 1980 e 1993, período que compreende a formatura da primeira e da última turma da Instituição, 1003 profissionais se registraram no Conselho Regional de Psicologia, Seção 14 (CRP-14); desses, 496 haviam se graduado no estado e, do total, 428 eram graduados pela FUCMT (Cara, 2017). Assim, o curso de graduação em Psicologia da FUCMT nos parece um exemplo do que vinha acontecendo pelo Brasil quanto ao investimento privado, no ensino superior. Ou seja, se havia demandas sociais para a ampliação desse segmento do ensino, sobretudo daquelas consideradas ‘carreiras modernas’ (Sampaio, 2000), o Estado poderia se valer dos recursos e do *know how* de grupos educacionais que já tinham instituições de ensino, particularmente aquelas que teriam condições de capitanear uma IES. Esse foi o caso específico da FUCMT, criada a partir da associação de diferentes faculdades, vinculadas à Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT) e que funcionavam, na região, desde o início da década de 1960.

Diante disso, nosso objetivo é produzir uma narrativa histórica sobre o curso de graduação em Psicologia da FUCMT. O trabalho se insere no campo da História Social da Psicologia, i.e., ele salienta, de forma crítica, os condicionantes socioculturais que ensejam a produção do acontecimento histórico (Jansz & van Drunen, 2004; Portugal, Facchinetti & Castro, 2018). A partir dessa premissa, a investigação se apropriou do conceito de memória social (Sá, 2007; 2012), que operacionaliza a proposta de que as memórias são construídas em interações sociais e, portanto, fortemente condicionadas pela linguagem. Nessa seara, relacionam-se as pessoas que se lembram ou se esquecem de algo, sendo que a maneira como lembram e esquecem é ancorada em horizontes socioculturais. A partir disso, houve a composição do *corpus* documental, que adotou como critério, para sua configuração, a disponibilidade de acesso às fontes. Foram utilizados dois tipos de fontes: (a) textuais, coletadas no Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) e na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e (b) orais, produtos de entrevistas realizadas com seis ex-acadêmicos do curso de Psicologia da FUCMT que se dispuseram a participar da pesquisa e que se

² A FUCMT ficou em funcionamento de 1975 a 1993 quando transformou-se na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), por meio da Portaria No. 1.547 do Ministério da Educação. O curso de graduação em Psicologia continua em funcionamento, tendo completado 50 anos recentemente.



graduaram dentro do período de existência da Instituição. Vale ressaltar que o projeto que subjaz a esta pesquisa foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), identificado pelo CAE 54336116.0000.5162 e pelo parecer no. 1.482.971. O material foi analisado por meio da análise de seu conteúdo, bem como a partir de estratégias de análise documental. Estimamos, ao final, conhecer os aspectos da formação de psicólogos da FUCMT, um dos primeiros cursos de graduação em Psicologia de Mato Grosso. Isso vai ao encontro de histórias recentes sobre os cursos de graduação em Psicologia, especialmente aqueles fora do eixo Sul-Sudeste (e.g., Carvalho, Seixas, & Yamamoto, 2002; Rodrigues, 2013).

Modernização e Educação ao sul do, então, estado de Mato Grosso

O segundo e terceiro quartis do século XX, no Brasil, foram marcados por tentativas de mudanças, no país, tendo em vista a modernização nacional. A modernização era compreendida, em linhas gerais, como progresso econômico, industrial e social, de forma a permitir o desenvolvimento brasileiro. Nessa seara, por exemplo, houve políticas desenvolvimentistas com Getúlio Vargas (1930-1945), Juscelino Kubitschek (1956-1961) e João Goulart (1961-1964). O governo civil-militar, instaurado a partir de 1964, intensificou tais políticas desenvolvimentistas que se materializavam em uma série de políticas sociais, com aspectos nacionalistas. Uma das pedras de toque dessas políticas foi a educação: ela atenderia a demandas da classe média, sobretudo dos jovens e, assim, teria um efeito multiplicador (Motta, 2014). Os jovens poderiam ter seus valores alterados e, além disso, migrariam das universidades, em expansão, para o mercado de trabalho, em mutação. Nesse cenário, surgia uma concepção de que as noções de modernidade, moderno e modernização se atrelavam à noção de desenvolvimento que, por sua vez, implicaria em progresso. O mote do "progresso" pela modernização, capitaneado pela educação, criava um ideário de que, finalmente, as flagrantes carências do país poderiam ser superadas. Tal ideário vinha articulado a uma "modernização conservadora" em que "o modelo destacava a formação de alianças reunindo burguesia e proprietários rurais, que, ..., iniciariam processos de modernização conservadora conduzidos pelo Estado" (Motta, 2014, p.11). Esse período foi marcado, assim, pelo binômio modernização-imperialismo, em que o capital industrial se beneficiou e setores específicos, como o universitário, passaram por processos de desenvolvimento (Cunha, 1988).

A aliança entre capital e estado, em prol do desenvolvimento nacional, fez-se presente na expansão do ensino superior. Na década de 1960, o governo civil-militar promoveu um rápido desenvolvimento desse sistema de ensino e, para tanto, a privatização foi uma opção. A expansão também refletia a busca dos jovens por



ascensão social por meio da universidade e implicou em um aumento do número de vagas e matrículas, especialmente no setor privado (Motta, 2014). Nesse cenário, tal expansão foi atrelada à reforma universitária, que institucionalizou preocupações já em discussão, como, por exemplo, a carência de recursos humanos graduados para o mercado de trabalho, o fato de as universidades não atenderem às demandas do mesmo mercado, a necessidade de expansão do ensino superior para atender áreas eleitas como prioritárias para o desenvolvimento do país, o planejamento de expansão de cursos de diferentes áreas e desenvolvimento de tecnologias, entre outras (Cunha, 1988; Rothen, 2008). O curso de graduação de Psicologia foi favorecido por essa modernização, pois a formação e a atuação em Psicologia foram legalmente reconhecidas em 1962. Na década de 1970, houve um processo de profissionalização com a abertura de vários cursos de graduação em instituições diversas, pelo país. Podemos considerar que isso só foi possível pelo momento em que o país passava, necessitando de mão de obra qualificada e a Psicologia ter sido considerada como uma área prioritária para a nação brasileira, justamente por esse grande número de abertura de cursos de Psicologia, nessa década.

Mato Grosso, especialmente a região sul do estado, ajuda-nos a compreender tal contexto de modernização, ocorrido nas décadas de 1960-1970. À época, esse estado estava entre os maiores do Brasil em termos de extensão territorial, uma vez que era composto por 84 municípios. Desde o início do século XX, a conformação do estado salientou diferenças entre o sul e o norte da região. O Mato Grosso fazia fronteira com o estado de São Paulo que, nas primeiras décadas do século XX, destacava-se pela produção cafeeira. A produção necessitava de rotas de escoamento e circulação que impactaram o desenvolvimento de ferrovias e, entre elas, a Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), que ligava Corumbá – interior de Mato Grosso, ao sul do estado – com Bauru, em São Paulo. Nessa seara, uma cidade que se tornou entreposto comercial foi Campo Grande, ‘no meio’ da rota da NOB. Com isso, Cuiabá, capital do estado, que era beneficiada pelo transporte fluvial, começava a contrastar com Campo Grande, cidade que articulava o “moderno” transporte ferroviário. Nesse período, houve acentuado desenvolvimento de sua região sul, e.g., houve o aumento na economia, baseado nas produções de soja e trigo, bem como na criação de gado de corte (Fernandes, 2003). Esse desenvolvimento esteve relacionado, também, com o aumento populacional; o estado atraiu movimento migratório das regiões Sul e do Sudeste do Brasil e, também, de estrangeiros como japoneses, italianos e árabes (Martins, 2000). O aumento de população permitiu, ainda, uma mudança na organização dos espaços, uma vez que, até 1960, o estado era constituído, em sua maior parte, pela zona rural (Bittar, 2009). Já na década de 1970, Campo Grande tinha uma das maiores densidades populacionais do estado, bem como um dos



maiores índices de urbanização, quando comparada às demais cidades do sul de Mato Grosso. Tais mudanças podem ser lidas na direção do ideário de progresso vinculado a uma modernização cidadina-industrial, com efeitos socioculturais. Uma das consequências de tais mudanças, especialmente no sul de Mato Grosso, foi o fortalecimento de um movimento divisionista que ambicionava separar as regiões sul e norte do estado.

Podemos citar dois exemplos de tal acirramento entre o sul e o norte de Mato Grosso e sua relação com o ideário de desenvolvimento regional. Primeiramente, citemos a criação do jornal *Diário da Serra*, um projeto de Assis Chateaubriand, visando a criação de um veículo de informação, no estado. Não havia consenso sobre que cidade o receberia, Campo Grande ou Cuiabá; contudo, optou-se por essa última cidade, em função de seu "maior agrupamento de cidades no sul do estado, maior índice populacional na região sulina, maior renda per capita, maior nível de comercialização da região" (*Diário da Serra*, 1974, p.3). Além disso, nesse cenário, vemos a criação de tecnologias do cotidiano que permitiriam tal configuração cidadina como, por exemplo, a instalação de telefones públicos. A instalação de um "orelhão" tornou-se motivo de notícia, por ter sido instalado em uma faculdade da cidade. A faculdade em questão foi a FUCMT e teve como justificativa da instalação a quantidade de alunos – "mais de três mil alunos somente no período noturno" – que utilizavam os telefones das diretorias da instituição e, até, da vizinhança (*Diário da Serra*, 09 de novembro de 1975). Essa notícia, por exemplo, ainda nos permite observar que o telefone público era não só considerado uma necessidade para os acadêmicos da FUCMT, mas também uma novidade. Sua instalação foi considerada importante ao ponto de ser "matéria de jornal", de potencial interesse de determinados grupos sociais que liam tal impresso. Aqui, interesses de uma população que via o sul do estado se desenvolvendo como campo citadino, urbanizado. Esse tipo de mudança fazia parte dos interesses sociais, tanto em nível regional quanto em nível federal, pelo menos no campo discursivo que aparecia no jornal campo-grandense.

Outra reportagem que aponta indícios dessa urbanização e que apresentava Campo Grande por interesses políticos foi a do dia 16 de setembro de 1975, no *Diário da Serra*, com o título "Política do Desenvolvimento Regional na VI SEMEEC" (*Diário da Serra*, 1975, p. 8). Essa reportagem refere-se à presença de Horácio Botelho, assessor do Ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Velloso, na FUCMT, para um evento da Secretaria de Municipal de Educação e Cultura (SEMEEC). Nela, salientam-se estratégias para diminuir as disparidades regionais brasileiras, algo que será ponto de toque no governo militar, com um projeto de interiorização do país (Motta, 2014). Ao cruzarmos essas duas notícias, notamos que o desenvolvimento regional, no sul do



estado do Mato Grosso, era veiculado focando diferentes grupos sociais. Por um lado, aqueles interessados em alterações citadinas; por outro, aqueles ligados à agricultura e ao campo, principal aspecto econômico da região, à época. Assim, em maio de 1977, Ernesto Geisel determinou a criação do estado de Mato Grosso do Sul, sob a justificativa de desenvolver a região. O novo estado nasceu com, aproximadamente, um milhão de habitantes, distribuídos em 50 municípios (Bittar, 2009; Martins, 2000). Dessa maneira, o divisionismo apresentava evidentes conotações políticas, econômicas e sociais, pois se tratava de um território extenso, com fronteiras internacionais e de grande potencial para o desenvolvimento agropecuário.

Esse cenário também foi marcado pela expansão do ensino universitário, em Mato Grosso, conforme ocorria em outros estados brasileiros entre as décadas de 1960 e 1970. Novamente, veremos discrepâncias entre o sul e o norte do estado, estabelecendo mais um ponto de controvérsias entre as regiões. Institutos e faculdades foram criados em várias cidades do sul de Mato Grosso, ampliando e reorganizando o ensino superior no estado, antes mesmo da Reforma Universitária estabelecida pelo governo federal. Em 1962, foi criada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, absorvida, posteriormente, pelo Instituto de Ciências Biológicas, onde também se passou a se ensinar Medicina, em 1966. Em 1967, foram instalados o ISPC, em Corumbá, e o Instituto de Ciências Humanas e Letras, em Três Lagoas. Em 1969, tais instituições foram integradas, criando a Universidade do Estado de Mato Grosso (UEMT), com sede em Campo Grande. Enquanto tais faculdades e institutos eram criados, ao sul de Mato Grosso, em Cuiabá estabeleceu-se a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Para tanto, não houve investimentos em IES apenas de órgãos públicos, também houve esforços da iniciativa privada. A MSMT era responsável, desde o início do século XX, por escolas ao sul de Mato Grosso e, a partir de 1960, iniciou a instalação de suas IES (Castro, 2014). Em 1961, foi criada a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras de Campo Grande (FADAFI), instituição que recebeu os cursos de História e Geografia; em 1965, instalou-se a Faculdade de Direito de Campo Grande (FADIR); em 1970, a Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administrativas (FACECA) e, em 1972, a Faculdade de Serviço Social (FASSO) (Almeida, 1996). Em 1975, houve a integração dessas faculdades isoladas, constituindo-se a FUCMT (UCDB, 2013). No mesmo ano, houve a criação do curso de Psicologia, na instituição.

Fazendo escolhas: Psicologia e FUCMT

O ensino superior era notícia na mídia impressa (e.g., jornais) mato-grossense, especialmente em Campo Grande, na década de 1970. A literatura nos mostra que



diferentes instituições de ensino superior (IES) circularam em jornais locais, tais como a Universidade do Estado do Mato Grosso (UEMT), a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e a própria FUCMT (Miranda, Cara, & Delmondes, 2016). O estudo citado avaliou com que frequência cada IES aparecia na mídia local, a partir de dois jornais de circulação, no estado. A partir disso, ele sinaliza que a FUCMT teve 75 notícias publicadas, a UFMT apareceu em 67 vezes e a UEMT 106. Nesse cenário, notamos que a instalação do curso de graduação em Psicologia na FUCMT apareceu com 13 notícias publicadas, no ano de criação do curso. Como as reportagens não foram assinadas, não é possível estabelecer hipóteses ou interpretações dos atores dos agenciamentos oportunizados pela mídia. De toda sorte, vale observar que as universidades, no geral e o curso de graduação em Psicologia, em específico, eram “notícias” de jornal. As reportagens mais chamativas foram aquelas relacionadas ao vestibular e ao início do funcionamento do curso ($n = 9$) da FUCMT. A notícia “‘Vestiba’ de Psicologia: cursinho abre inscrições” já indicava impactos sociais da abertura do curso: a criação de um cursinho preparatório para o vestibular de Psicologia (Diário da Serra, 18 de fevereiro de 1975). A concepção do pré-vestibular poderia atender a demandas sociais daqueles estudantes interessados no curso de graduação, já que informaria aos interessados de sua existência.

Além dos indícios fornecidos pelos jornais, há relatos pessoais, de egressos do curso de graduação em Psicologia da FUCMT: “Um vestibular naquela época era muito puxado, muito pesado, vagas pouquíssimas, muito, muito diferente de hoje... (Participante 6, comunicação pessoal, 15 de junho de 2016).” Ainda em relação ao momento que antecedia ao vestibular, ouvimos:

Passei no primeiro vestibular e naquela época você conseguir sem cursinho, na minha época já tinha cursinho passar em psicologia, era o segundo curso mais concorrido, o primeiro era Medicina o segundo era Psicologia (Participante 5, comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016).

Pelas declarações dos dois entrevistados, a combinação de um vestibular difícil, com poucas vagas, demandou um esforço a mais para que fossem aprovados no concurso. O cursinho parece ter surgido, além de outros recursos, para suprir essa necessidade de ter conhecimento específico em Psicologia. Além disso, em uma das fontes pesquisadas (Arquivos do 1º vestibular do curso de Psicologia, 2016), um dos conhecimentos exigidos pelo programa de estudos para o vestibular denominava-se “Elementos de Psicologia”, que também é nome de um livro, tendo sido utilizado pela instituição para definir conteúdos específicos para a graduação de Psicologia:



- a) Fenômenos psíquicos: Consciência – Fenômenos intelectivos – Fenômenos ativos – Afetividade.
- b) Noções de Psicologia diferencial.
- c) Classificações da Personalidade do Texto: Iva Waisberg Bonow – Elementos de Psicologia Melhoramentos – SP.

Assim, parecia haver duas necessidades nesse plano de estudos para o vestibular, a saber: (1) que o candidato tivesse um entendimento mais específico sobre Psicologia e (2) poderia funcionar como um atrativo para o futuro acadêmico, pois apesar de já haver, nessa época, outros cursos de Psicologia pelo país, este era o primeiro estabelecido em Campo Grande e apresentar esses conhecimentos específicos poderia aumentar o interesse sobre o curso.

Outro ponto que nos chama a atenção é o fato das reportagens oscilarem em relação à nomenclatura do curso: ora Psicologia, ora Psicologia Clínica. A segunda nomenclatura aparece em notícias divulgadas sobre o início do curso de graduação de Psicologia, como, por exemplo, na reportagem “Aulas de Psicologia Clínica iniciarão em Agosto, na FUCMT” (Diário da Serra, 19 de julho de 1975), com a apresentação do Programa Curricular estabelecido pela FUCMT (Figura 1). Essa citação remete a duas questões presentes na notícia: (1) o título que apresentava o curso de graduação de Psicologia Clínica como uma área de trabalho da Psicologia e (2) as fotos dos livros, laboratórios que aludem a uma cientificidade do curso. O nome utilizado no título de Psicologia Clínica não foi aquele apresentado pela instituição, mas nos oferece um olhar sobre como o curso estava sendo visto por essa mídia. Esse título não só fazia a apresentação do curso por uma de suas áreas, como também parecia se apresentar como a área que estava movimentando a Psicologia, i.e., uma área de profissionais autônomos, seguindo uma tendência para o mercado de trabalho.

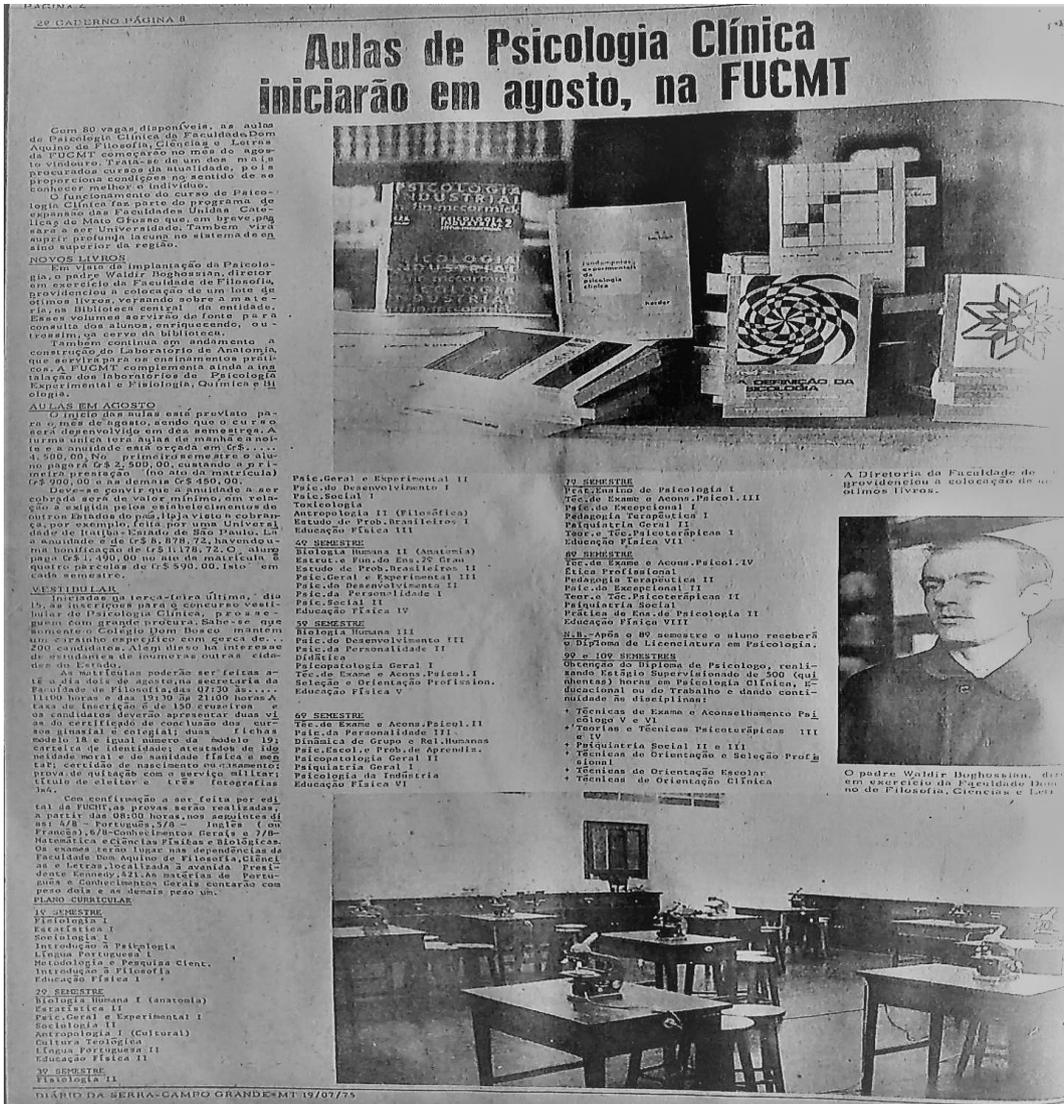
Não encontramos documentos da instituição que fizessem menção à nomenclatura Psicologia Clínica, para o curso. Entretanto, podemos presumir que, nesse período, a Psicologia estava sendo reconhecida por essa área de atuação (Badargi, 2008). Ferreira Neto (2010) expõe uma hegemonia da área clínica que se devia ao modelo curricular apresentado desde a regulamentação da profissão pela Lei nº 4119 de 1962. Todavia, a partir da década de 1970, a clínica marcava de modo intenso os currículos de graduação de Psicologia. Ainda na mesma direção, há fontes do período que sinalizam preocupações da Psicologia brasileira com a clínica, ora como método, ora como campo de atuação. No primeiro caso, Azzi (1964/2010) diz que

ela se caracteriza mais por uma atitude metodológica do que pelo seu objeto ... A Psicologia Clínica, isto é, visa encarar a conduta individual dentro de sua perspectiva própria, apanhar o mais fielmente possível as maneiras de ser e de reagir de um ser humano concreto em situações percebidas e vividas, estabelecer a significação da conduta, sua



estrutura e gênese, desvendar tensões e conflitos que motivam e os mecanismos que tendem a resolvê-los (p.107).

Figura 1 – Aulas de Psicologia Clínica iniciarão em Agosto, na FUCMT



Fonte: Diário da Serra, 19 de julho de 1975.

O. L. van Kolck (1975), por sua vez, toma a Psicologia Clínica como sinônimo de Psicoterapia e, a partir disso, discorre sobre as diferentes abordagens teórico-metodológicas do campo, no país. Além disso, ela observa as características do campo de atuação do psicólogo, no Brasil, a partir daquela definição. Assim, esse conjunto de elementos nos permite observar que a oscilação entre Psicologia e Psicologia Clínica poderia dizer sobre o processo de "psicologização" da sociedade brasileira, a partir da criação de vários cursos de graduação em Psicologia e, conseqüentemente, de um



interesse social nas explicações sobre o sujeito (Coimbra, 1999; Jacó-Vilela, 2012; Lisboa & Barbosa, 2009).

Outro item que nos chama a atenção na Figura 1 é o fato da apresentação do curso apontá-lo como sendo um dos mais procurados da época, por proporcionar “condições no sentido de se conhecer melhor o indivíduo” (p.8). Esse relato vai ao encontro daquele presente em outra reportagem do mesmo jornal, em agosto de 1975, em que se menciona o número de 192 inscritos no Vestibular de Psicologia, não tendo havido nenhuma abstenção no momento da prova, o que sugeria “o interesse dos pré-universitários campo-grandenses pelo curso de Psicologia” (p.8) assim comprovado (Diário da Serra, 8 de agosto de 1975). Isso se alinha, ainda, às falas dos nossos entrevistados. Egressos desse curso nos contam sobre seu interesse na Psicologia, no geral, e no curso da FUCMT, em específico. A Participante 1 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016) citou que sua primeira opção para o ensino superior foi para faculdades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Todavia, a entrevistada indicou que, por questões pessoais, prestou o vestibular para FUCMT e fez a seguinte consideração sobre a instituição:

Meu pai era muito de achar que o que vale é empenho da gente, ele sempre achava assim, ele tinha umas coisas do tipo: [o] saber não ocupa lugar... e também quanto aonde estudar, aonde seria melhor, o que valia era o empenho da gente, então ele tinha essa ideia assim né... já tinha uma referência de pessoas que já estudavam lá, pessoas da família que já estudavam lá.

Tais “questões pessoais”, pelo relato da Participante 1, levam-nos a crer que envolviam a imagem que a instituição já adquirira, na cidade. Uma imagem que lhe chegava por meio de familiares que “já estudavam lá.” Isso fazia com que seu pai, rememorado como alguém que acreditava no “esforço pessoal”, insistisse em que ela estudasse na FUCMT. Essa fala, também, pode nos remeter como um registro da época, por apresentar um tipo de pai capaz de fazer um investimento na formação universitária de sua filha (mulher), incentivando uma autonomia em relação às conquistas das mulheres no campo do conhecimento e da profissão. Assim, o curso de graduação em Psicologia poderia não se comparar aos ministrados nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. No entanto, por seu esforço pessoal, a Participante 1 poderia adquirir uma boa formação, inclusive porque a instituição FUCMT tinha “boas referências.” Além disso, um trecho do Parecer nº 3824, de 1974, que tratava da autorização do funcionamento do curso de Psicologia na FADAFI/FUCMT, apresentou, de forma clara, um dos motivos para a instalação do curso: “... impedir deslocamento de alunos de todo sul de Mato Grosso para locais fora do estado” (p. 8). Esse trecho nos ajuda a pensar que a questão do esforço pessoal para se formar em uma



instituição com boas referências, como a FUCMT, pode ser entendida se articulada com a redução de evasão dessas alunas que, para se formar em Psicologia, precisavam deixar a cidade.

Outras motivações para a escolha do curso de graduação em Psicologia, na FUCMT, também apareceram. Nas palavras das participantes:

... eu sempre gostei, assim desde pequena aquela coisa de trabalhar com gente, então na época eu tinha, eu sempre quis ser muito professora, então desde pequena eu brincava de dar aulas aquela coisa toda, e quando foi a minha opção de fazer, acabei fazendo psicologia por eu gostar, por eu achar que eu poderia estar me realizando profissionalmente com essa profissão (Participante 4, comunicação pessoal, 12 de setembro de 2016).

... eu fiz magistério no Joaquim Murтинho, e a professora que eu mais assim admirava, era a professora de psicologia. Professora Enir Mecchi Tomaz ... foi porque eu queria continuar trabalhando com criança, porque eu já tinha feito magistério, eu já tinha dado aula um ano e meio como auxiliar de psicologia, ... (Participante 5, comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016).

... vim de um curso de Magistério, de formação de professores, e um curso de formação de professores é um curso pra docência, pra docência da educação fundamental (Participante 6, comunicação pessoal, 15 de junho de 2016).

Na fala dessas pessoas, alguns elementos nos chamam a atenção. Todas são mulheres e todas se lembram de sua história ou de seu interesse pela profissão de “professora”, historicamente vinculada, no Brasil, ao feminino e à sua relação com o cuidar, com a maternidade (Alves & Pintanguy, 2003; Bauer, 2001). Nas falas das participantes percebe-se, ainda, o interesse em “trabalhar com gente” e tal “gente” aparece na figura das “crianças” com as quais algumas já haviam trabalhado. O lugar das crianças e sua relação com a escolha do curso de graduação também aparece na fala da Participante 3 (comunicação pessoal, 02 de setembro de 2016):

Na época, eu queria mexer muito com criança. Eu sempre tive uma paixão muito grande para trabalhar com criança. Trabalhei muito tempo com criança. E conversando com os professores do cursinho Dom Bosco. Eles sugeriram... Porque na minha ideia trabalhar com criança, teria que ser médica pediatra. Mas eu não tinha afinidade com a Medicina, mas na minha cabeça tinha. Imaturidade de adolescente, né? E um professor meu falou: ‘por que você não faz Psicologia?’ e eu fui e fiz o curso vestibular.

As características “mulher” e “professora” parecem guardar relações com mais elementos contextuais da instalação do curso de graduação em Psicologia, da FUCMT.



No primeiro caso, nota-se que, das 192 vagas abertas no vestibular, mais de 80% foram assumidas por mulheres (Diário da Serra, 13 de agosto de 1975). Essa participação feminina apareceu em destaque, no jornal, com títulos tais como “Mulheres Invadem a FUCMT” (Diário da Serra, 12 de janeiro de 1975) e “Vestibular de Psicologia: Outra Conquista das Mulheres” (Diário da Serra, 13 de agosto de 1975). Nessa mesma direção, ao se considerar as informações do Conselho Regional de Psicologia de Mato Grosso do Sul (CRP 4), nota-se que, das 428 pessoas registradas no referido conselho e que haviam se formado na FUCMT, 378 eram mulheres (Cara, 2017). Essas informações vão ao encontro de dados de censos sobre os psicólogos brasileiros, publicados durante a década de 1980, nos quais se observa uma prevalência feminina no exercício profissional da Psicologia (Rosas, Rosas, & Xavier, 1988; Rosemberg, 1984).

Dessa forma, podemos perceber que, assim como a mulher se destacava, no resto do país, por sua profissionalização, a FUCMT demarcou essa tendência. Entretanto, devemos ressaltar ser essa uma tendência para a mulher branca, de classe média, que ingressava nesse nível superior. No que se refere à formação da “professora”, observam-se documentos produzidos pela MSMT, em que se lê “A instalação do curso permite atender a demanda de problemas licenciados para o ensino médio, de matrículas, além de impedir deslocamento de alunos de todo sul de Mato Grosso para locais fora do Estado” (Parecer n. 3.824, 1974, p.5). Assim, a criação do curso de Psicologia da FUCMT atendia a demandas sociais, tais como aumentar o número de licenciados do estado, para atender aos 144 estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus e ensino superior, da região. Vale lembrar que a FUCMT era a associação, entre diferentes Faculdades, cuja mantenedora era a MSMT, sendo que, em algumas das faculdades, como a FADAFI, já havia cursos de Licenciatura (e.g., Geografia, História). Já havia, portanto, uma estrutura prévia para receber um novo curso de graduação com perfil de formação de licenciados. Assim, podemos interpretar que o curso de graduação da FUCMT foi instalado atendendo a, pelo menos, dois pontos: a) solucionava o problema de ter filhas cursando faculdade fora da cidade, i.e., reduziu o deslocamento de jovens e b) sanava uma questão para os salesianos, que era a formação de professores para o ensino médio.

Todavia, além do magistério, outros campos e profissões apareciam nas lembranças dos participantes. Na lembrança da Participante 3 (comunicação pessoal, 02 de setembro de 2016), também aparecia a Medicina como possibilidade de trabalho, algo que surgirá na lembrança do Participante 2:

Eu tinha a intenção de fazer psiquiatria na época, então eu tentei medicina, e aí como tinha aberto o curso de psicologia um semestre antes de eu fazer o vestibular, eu coloquei como alternativa para mim,



se não passa na medicina eu tento psicologia e depois tento medicina de novo, e acabou que eu não passei na medicina, passei na psicologia, ... Assim, mas eu queria fazer psiquiatria, ali todo mundo fazia ou medicina ou engenharia (Participante 2, comunicação pessoal, 09 de setembro de 2016).

A Psicologia, nos dois relatos, parece-nos surgir como segunda opção. No caso da Participante 3, passa a ser uma opção sugerida por um professor, já que ela “não tinha afinidade com Medicina.” Para o Participante 2, a Psicologia era secundária, já que, mesmo que aprovado, seu interesse era migrar para o curso de Medicina. Assim, parece-nos que suas motivações para a escolha do curso guardavam relações com gostos pessoais – “gostar de gente” –, histórias de vida – “a professora que mais admirava” –, bem como da relação da Psicologia com o Magistério, como uma segunda opção da carreira a ser efetivamente seguida. Podemos ir além e entender que essas falas mostram uma forte ligação da Psicologia com a Educação e com a Medicina. Isso nos remete ao estabelecimento da Psicologia, no Brasil, como disciplina auxiliar dessas áreas (Jacó-Vilela, 2012). Os trechos das entrevistas mostram, ainda, uma tendência se constituindo em Campo Grande, qual seja: o interesse pelo curso de Psicologia ocorria por se relacionar à docência ou à formação de docentes, sendo esse um dos pontos colocados pela própria mantenedora para reconhecimento do curso (cf. CFE, 1974).

Psicologia FUCMT: estrutura física e curricular

Na Lei No. 4.119/62, que regulamenta a profissão e a formação em Psicologia, no Brasil, vemos três habilitações: Bacharelado, Licenciatura e Psicólogo. A base comum das três habilitações foi estabelecida com a publicação do Parecer No. 403, pelo Conselho Federal de Educação (CFE), indicando o currículo mínimo para tal formação (CFE, 1962). Esse Parecer designava as seguintes matérias para:

1. Fisiologia;
2. Estatística;
3. Psicologia Geral e Experimental;
4. Psicologia do Desenvolvimento;
5. Psicologia da Personalidade;
6. Psicologia Social;
7. Psicopatologia Geral.

Parágrafo Único: para obtenção do diploma de Psicólogo exigem-se, além das matérias fixadas por itens de nº 1 a 7 deste artigo, mais cinco (5) outras assim discriminadas:

8. Técnicas de Exame Profissional e Aconselhamento Psicológico;
9. Ética Profissional;
10. /12. Três dentre as seguintes: a) Psicologia do Excepcional, b) Dinâmica de Grupo e Relações Humanas, c) Pedagogia Terapêutica, d)



Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem, e) Teorias e Técnicas Psicoterápicas, f) Seleção e Orientação Profissional, g) Psicologia da Indústria.

As sete primeiras disciplinas elencadas correspondiam à formação de Bacharel e Licenciado, o que nos parece curioso, já que a Lei No. 4.119 indicava a necessidade do diploma de Bacharel para ingressar na Licenciatura. As demais matérias eram destinadas à formação do Psicólogo, sendo duas obrigatórias e três que poderiam ser escolhidas entre aquelas oferecidas. Vale lembrar que os cursos que ofereciam graduação de Psicologia precisavam seguir a indicação mínima estabelecida pelo CFE, mas poderiam particularizar o curso de graduação após atendidos os critérios do currículo mínimo. Vemos, assim, que, de acordo com esse Parecer, os acadêmicos de graduação em Psicologia poderiam se formar bacharéis, tendo abertura para mais duas modalidades: Licenciatura e Psicólogo. O Parecer No. 403/62 determinava o currículo mínimo, como também atribuía a segurança e a responsabilidade do exercício profissional à cientificidade dos estudos realizados por essa disciplina, que se tornava legalmente independente.

De acordo com o Parecer No. 3824, de 1974, foi solicitada, pela FADAFI, a instalação do curso de graduação em Psicologia, na modalidade de Licenciatura Plena, que se materializaria, em 1975, na FUCMT. A habilitação em Psicologia só seria aprovada em 1979, sendo, inclusive, a primeira do estado a ter tal oferta³. O curso de Licenciatura, conforme observado anteriormente, atenderia a reivindicações das futuras alunas, reduziria a sua migração para outros estados e atenderia a demandas locais de professores para o 1º e 2º graus. Embora a habilitação contrastasse com a publicidade atribuída ao curso, conforme vimos nas reportagens que o denominavam Psicologia Clínica, o currículo prescrito possuía várias características educacionais, a saber: disciplinas pedagógicas, além de Psicologia Educacional e Pedagogia Terapêutica. Isso pode assinalar a materialização da proposta de curso como Licenciatura Plena, bem como estabelecer o fato de que, a todas as habilitações previstas na Lei No.4.119/62, foi outorgado o direito de ensinar, impactando na organização curricular com características educacionais. Vale lembrar, ainda, que já havia o ensino de Psicologia nas licenciaturas oferecidas pela FADAFI, como, por exemplo, Pedagogia e Letras (Ata 16, Conselho Departamental de 01 de março de 1968). Ou seja, havia um conjunto de características que nos ajudava a ler o currículo sumarizado na Tabela 1. Entretanto, nas lembranças dos entrevistados, a Clínica era prevalente na operacionalização desse currículo (Participante 6, comunicação pessoal,

³ Disponível em:

http://cpan.ufms.br/old/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=15&Itemid=44. Recuperado em 19 outubro, 2019.



15 de junho de 2016). Na mesma direção, a Participante 5 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016) nos diz que o curso apresentava três grandes áreas de atuação – Clínica, Organizacional e Escolar. Entretanto, em sua geração, a maioria da turma optou por trabalhar na área clínica ou na docência.

Tabela 1. Currículo do curso de graduação em Psicologia da FUCMT

Disciplinas Obrigatórias	Disciplinas Específicas	Disciplinas Optativas	Disciplinas Pedagógicas
Antropologia	Estatística	Pedagogia Terapêutica	Didática
Cultura Teológica	Ética Profissional	Relações Humanas	Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2º Grau
Educação Física	Estágio Supervisionado	Teorias e Técnicas Psicoterápicas	Prática do Ensino
Estudos de Problemas Brasileiros	Fisiologia	Qualquer disciplina proposta pelo Cons. Departamental	Psicologia da Educação
Introdução à Filosofia	Psicologia do Desenvolvimento		
Língua Portuguesa	Psicologia Geral e Experimental		
Psicologia Educacional	Psicologia da Personalidade		
Sociologia	Psicologia Social		
	Psicopatologia Geral		

Fonte: UCDB, s.d.

A Tabela 1 pode ser lida por meio do Livro de Regimento da Instituição que informava, no Artigo 11º, que as graduações da FUCMT atendiam os currículos mínimos estabelecidos pelo CFE, mas que outras matérias indicadas pelo Conselho Departamental complementarizavam tais formações. Conforme vemos na Tabela 1, as matérias apresentadas pelo currículo mínimo, apesar de serem obrigatórias para os cursos de graduação, foram inclusas no currículo do curso sob a rubrica de “Disciplinas Específicas.” Vale ressaltar que além das disciplinas obrigatórias, nessa rubrica, constava uma disciplina indicada, pelo CFE, como referente à formação do Psicólogo: Ética Profissional. Ressalte-se o fato das matérias Psicologia do Excepcional, Seleção e Orientação Profissional e Psicologia da Indústria não figurarem na estruturação curricular, embora fossem necessárias para a formação do Psicólogo.



Isso poderia ser interpretado como um indicativo de que o currículo foi organizado tendo em vista a habilitação de Licenciatura. Ainda podemos indicar que as matérias Dinâmicas de Grupo e Relações Humanas e Psicologia Escolar e da Aprendizagem parecem ter passado por adaptações. A primeira parecia figurar, apenas, como Relações Humanas, enquanto a segunda apareceu como duas matérias: Psicologia Educacional e Psicologia da Educação.

O currículo da FUCMT ainda apresentava outras particularidades, tais como as disciplinas de Antropologia, Sociologia e Cultura Teológica, além daquelas estimadas pelo período do regime militar, como Estudos dos Problemas Brasileiros. O Livro de Regimento mostrou que os cursos de graduação foram estruturados em dois ciclos, com funções distintas (UCDB, s.d.). O primeiro ciclo seria comum aos cursos afins, com as funções de recuperar insuficiência evidenciada no vestibular, orientar escolha de carreira e realizar estudos básicos para o próximo ciclo. O segundo ciclo visava às habilitações específicas para a formação profissional. A existência de duas disciplinas relacionadas ao campo educacional, além da rubrica "Disciplinas Pedagógicas", vão ao encontro daquilo que havia sido delineado no Parecer n. 3.824 de 1974, em que se lia "A instalação do curso permite atender a demanda de problemas licenciados para o ensino médio..." (p. 5). Assim, tais condições nos sugerem um atendimento no intuito de suprir a premência da cidade em formar professores. Isso fica ainda mais claro quando lembramos que o curso iniciou como Licenciatura em Psicologia e não como formação de psicólogos, conforme consta no Decreto n. 76.026, de 25 de julho de 1975 (Lei n. 4.119, 1975).

Diferentes entrevistados se lembraram não só de algumas matérias, com bastante vivacidade, como também da quantidade de aulas. Um exemplo de uma recordação marcante para a Participante 5 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016) foi sobre a avaliação da matéria de Anatomia, pois os alunos tinham que fazer um circuito no laboratório, nomeando algumas peças anatômicas. Já as Participantes 1 e 6 se recordaram que tinham muitas matérias da área médica, no primeiro ano do curso. Eram tantas que elas pensavam cursar Medicina e, não, Psicologia. Esses egressos se referem à quantidade de aulas de Fisiologia, Anatomia, Histologia e Análises Clínicas às quais assistiram. Considerando a grade curricular apresentada na Tabela 1, notamos que uma parte desses conteúdos, rememorados pelas Participantes, parecem se referir a conteúdos de diferentes matérias, do que propriamente dito a matérias diferentes – uma vez que era a mesma disciplina, mas dividida por dois ou três professores. Isso pode se dever tanto pela frequência de aulas, pela quantidade de carga horária ou pela quantidade de professores que dividiam a Fisiologia, disciplina ministrada por dois ou três professores, conforme lembrado por todas elas. Assim, podemos observar que o cruzamento entre o



currículo mínimo do CFE, o currículo da FUCMT e os relatos dos egressos nos possibilitam identificar alguns elementos. Inicialmente, percebemos uma proximidade com o campo médico. Em segundo lugar, notamos uma diferença entre o currículo real e o prescrito, que apresentavam, de forma discrepante, aquilo que era previsto e o que era efetivamente ensinado. Isso poderia se dever a uma existência efetiva de diferentes matérias ou ao fato dos egressos se recordarem de diferentes conteúdos que compunham aquelas matérias.

A estrutura física, visando a abertura do curso, constituiu uma demanda para o Conselho Federal de Educação (CFE). Quando observamos o Parecer n. 353, de 1978, que versava sobre o reconhecimento do curso de graduação, lemos:

A FUCMT funciona em 5 edifícios, numa área de 18.321,51 m², sendo 6.622,20m de área construída. O curso de psicologia funciona num edifício sólido, amplo em bom estado de conservação. São utilizadas pelo curso 5 salas para aulas teóricas e 5 para aulas práticas. A comissão menciona que há 2 laboratórios, um para Microscopia e outro que funciona em sistema de rodízio para Fisiologia, Anatomia e Psicologia Experimental e que seria conveniente uma ampliação do espaço disponível para as práticas de laboratório. Há um biotério com 50 ratos albinos e alguns camundongos, mantidos em gaiola FUNBEC, o biotério possui exaustor e está em boas condições de higiene. A instituição tem uma Testoteca no Laboratório de Psicologia Aplicada. No laboratório de Psicologia Experimental há 16 gaiolas, mesa para operar ratos, 5 labirintos estimulados auditivos e outros equipamentos, suficientes no caso da habilitação à Licenciatura. No laboratório de Psicologia, há boas e suficientes baterias de testes manuais. A comissão sugere ampliação do espaço disponível para as práticas de Laboratório, não fez apreciação sobre a natureza dos laboratórios, declarando apenas que o equipamento está em boas condições de funcionamento, verificou ser mal equipado o laboratório de Biologia e Microscopia e faltar conjunto de peças anatômicas, quer em reprodução plástica, quer naturais em conservação no gabinete de Anatomia, Fisiologia. A biblioteca possui acervo específico relativo ao curso é de 4.081 títulos e 5.491 exemplares. O total do acervo é de 22.752 títulos e 29.478 exemplares.

No trecho apresentado, afigura-nos haver destaque de três itens. O primeiro refere-se à parte física, e.g., salas, condições do prédio, etc.; o segundo, aos laboratórios e, por fim, o último diz respeito à biblioteca e seu acervo. Inclusive, fica em evidência o lugar da Licenciatura: "No laboratório de Psicologia Experimental há 16 gaiolas, mesa para operar ratos, 5 labirintos estimulados auditivos e outros equipamentos, suficientes no caso da *habilitação à Licenciatura*" (grifos nossos).

O prédio da FUCMT foi instalado, inicialmente, no mesmo terreno do Colégio Dom Bosco, localizado na região central de Campo Grande. O colégio havia sido criado em 1930 e sua estrutura fora a mesma na qual, em 1961, instalou-se a FADAFI



(Castro, 2014). Portanto, por mais que a fonte destaque equipamentos e livros novos, o prédio, em si, não era novo. Nessa direção, a Participante 1 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016) sinalizou: “era uma estrutura velha, mas muito limpa, muito arejada, um ambiente muito gostoso, só a biblioteca que era um lugar que, eu nunca gostei de biblioteca, eu sempre espirrava lá dentro.”

Todas as participantes destacaram a situação dos laboratórios, tanto os de Fisiologia e Anatomia como os de Psicologia Experimental, que instalaram equipamentos novos em uma estrutura física antiga, o que vai de encontro ao Parecer n. 353/78 (Parecer n. 353, 1978). As suas lembranças, inclusive, assemelham-se aos apontamentos da comissão mencionada no trecho do referido parecer: os equipamentos são novos, mas a estrutura física é antiga. Em outro documento, no Parecer n. 1097/79 (Parecer n. 1.097, 1979), lemos: “Nos 4 laboratórios – de Química, Microscopia e Psicologia Experimental, e Fisiologia e Anatomia, possui nova aparelhagem recém-adquirida. Dispõe de Biotério, com 50 ratos albinos, alguns camundongos e pombos.” Embora as Participantes 4 e 6 indiquem que os laboratórios precisavam de ampliações, porque as aulas eram divididas em grupo, parece que sua estrutura estava de acordo com o que o processo de reconhecimento demandava. Os instrumentos listados – gaiolas e labirintos – para o trabalho com animais não-humanos eram comuns em laboratórios de Psicologia Experimental, no Brasil, à época (Miranda, 2010). Inclusive constituíam aparatos que guardavam relação com as Caixas de Skinner manufaturadas pela Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências (FUNBEC). Nas lembranças da Participante 1 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016): “... tinha o laboratório de psicologia experimental, que eu gostei muito desta disciplina também, da psicologia experimental porque a gente tinha que fazer o condicionamento dos ratinhos, condicionar e descondicionar...” Na mesma direção, a Participante 5 (comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016) afirma “... nós fazíamos as experiências com os ratinhos, não sei acho que foi um ano com essa disciplina de psicologia experimental.” A presença dos laboratórios em diferentes fontes e nas lembranças das participantes pode sugerir a relação das aulas de Psicologia com aquelas das Ciências Biomédicas. Os laboratórios contribuíam na construção de uma imagem de cientificidade da profissão (cf. Cirino, Miranda, & Souza Júnior, 2012). Esse aspecto era bastante difundido no ensino superior brasileiro, no período, e se fazia presente no currículo mínimo da Psicologia (cf. CFE, 1962).

O terceiro ponto destacado no Parecer Nº 353/78 (CFE, 1978) era a biblioteca, algo que também já havia aparecido em outras fontes (e.g., Figura 1). Na Figura 1, vemos alguns livros e um indicativo de renovação da biblioteca, que se preparava para a instalação do curso de graduação em Psicologia. Por exemplo, nota-se o livro



“A definição de Psicologia”, de Keller, 1970, relacionado à História da Psicologia; “Psicologia Industrial”, de Tiffin & McCormick, 1969, vinculado a temáticas referentes à Psicologia Organizacional e do Trabalho e “Fundamentos experimentais da psicologia clínica”, de Bachrach, 1972, atrelado à clínica psicológica. Dentre eles, também notamos aqueles vinculados a preocupações sociais, sob diferentes perspectivas, como “Walden II”, de Skinner, 1972. No referido Parecer, há o indicativo de um acervo de 4.081 títulos e 5.491 exemplares, mostrando um incremento na quantidade de material, já que, em 1974, esses números eram de 1.147 títulos, correspondendo a igual número de volumes (CFE, 1974). Assim, há indícios de investimento financeiro e material na constituição da biblioteca, para o reconhecimento e funcionamento do curso. Pelos relatos das participantes, parece que tal acervo foi manipulado em diferentes matérias. Nas lembranças da Participante 3 (comunicação pessoal, 02 de setembro de 2016), “[a professora Marila Teodorowick dos Reis trouxe] um livro que me chamou muita atenção na época, eu pensava: ‘porque será, né?’ Foi aquele Admirável Mundo Novo que a Marila pediu para a gente ler...” Outro exemplo de lembranças relacionadas ao acervo da biblioteca salientam o uso do ‘Tratado de Psiquiatria’, de Paim, 1976, (Participante 4, comunicação pessoal, 12 de setembro de 2016) e de ‘Liberdade para Aprender’, de Rogers, 1979, (Participante 1, comunicação pessoal, 08 de setembro de 2016). Apesar de tais recordações, as Participantes 4 e 6 – que iniciaram o curso depois de 1985; portanto, dez anos depois de sua instalação na FUCMT – contaram que eram poucos livros para muitos alunos e, assim, havia dificuldades no uso de tal material. Assim, no conjunto de indicativos documentais e lembranças pessoais, vemos que a biblioteca abarcava diferentes temáticas e aqueles livros apresentavam temáticas usuais no currículo mínimo estabelecido para a graduação de Psicologia, no país, à época.

Dessa forma, apesar de algumas restrições estruturais quanto à idade do prédio em que a FUCMT se encontrava e da biblioteca, as fontes textuais e orais pesquisadas nos sugerem investimentos para o funcionamento do curso de graduação em Psicologia. Tais investimentos iam ao encontro de um atendimento à demanda social que circulava entre os futuros alunos e representada na mídia campo-grandense.

Considerações Finais

Este trabalho construiu uma história do curso de graduação em Psicologia da FUCMT, um dos primeiros de Mato Grosso e o único da cidade de Campo Grande por, aproximadamente, 25 anos. Esta narrativa foi tecida pela articulação entre indícios documentais, provenientes de fontes textuais e por relatos pessoais, produzidos por meio de entrevistas com ex-alunas do referido curso. Nossos resultados sugerem que



a instalação do curso coincidia com uma demanda social de “modernização”, por meio da urbanização e desenvolvimento do ensino superior, presente no país, à época. A demanda por “modernização” era um vetor de embates na estrutura político-administrativa do estado, em meio às controvérsias entre o sul e o norte de Mato Grosso. Ao sul, as fontes pesquisadas nos sugerem o desejo de reduzir a migração de jovens para outras regiões brasileiras, além de desejos, especialmente por parte das mulheres jovens, de ingresso em cursos superiores. Esse cenário era, ainda, condizente com as demandas do governo ditatorial, por uma expansão para o Oeste como forma de ampliar a população e o controle de regiões de fronteira.

Os resultados da pesquisa ainda indicam que essa “modernização” se fez sentir na estruturação de um curso com aspectos potencialmente controversos. Por um lado, ele estava instalado em uma estrutura física adequada para a demanda de formação ofertada em “Licenciatura” e, também, conectado ao *zeitgeist* da ditadura militar, e.g., com o oferecimento de disciplinas específicas, como Estudos dos Problemas Brasileiros. Por outro, graças a esse tipo de habilitação, as fontes sugerem que ele foi estruturado com enfoques em aspectos educacionais. Como vimos, isso pode ter se dado pelas demandas sociais presentes na cidade, à época, bem como pelo histórico da FADAFI, antecessora da FUCMT, na formação de professores. Ainda no que tange a tal estruturação do currículo, notamos que as disciplinas consideradas obrigatórias, pelo CFE, foram inclusas sob a rubrica “Disciplinas Específicas” e que várias outras, também obrigatórias, não figuravam naquela prescrição. Isso nos levaria a interpretar um currículo prescrito, vinculado à formação de futuros professores – prerrogativa de campo de atuação inerente ao psicólogo, conforme estabelecido na Lei. nº 4.119/62. Entretanto, as lembranças dos entrevistados e as fontes documentais da mídia impressa contrastam, indicando a Psicologia Clínica como demanda dos alunos e, na prática, como campo de operacionalização daquela graduação. As fontes pesquisadas não nos permitem conclusões do exato perfil de formação daquele curso, mas sugere novas possibilidades de investigação para compreender tais controvérsias.

Por fim, gostaríamos de salientar limitações metodológicas deste estudo. Utilizamos entrevistas com apenas algumas participantes, caracterizadas como ex-alunas de diferentes períodos da instituição. Assim, apesar de suas lembranças nos auxiliarem a ver essa história em amplitude, a realização de outras entrevistas, com enfoque em períodos específicos, poderia nos fornecer mais profundidade. Outra possibilidade seria a realização de entrevistas com ex-professores e funcionários da FUCMT, que nos permitiriam perceber outras versões da história. Além disso, novas investigações poderiam salientar, ainda mais, o processo da formação social brasileira em torno da educação, particularmente do ensino superior e sua relação ao processo de “modernização” e industrialização dependente. Apesar de tais limitações,



acreditamos que nosso estudo lança luz sobre a história de um dos primeiros cursos de graduação em Psicologia do estado e cujo impacto tem se mostrado sensível, na região, ao longo do tempo. Isso, por sua vez, auxilia-nos a ver uma história da Psicologia brasileira que conecta outras regiões que não as usualmente historiografadas, como o Sul e o Sudeste. Este tipo de contribuição impacta, ainda, nas possibilidades regionais de compreender sua própria história e, a partir disso, refletir sobre o cenário contemporâneo da Psicologia local. Assim, acreditamos que a história contribui não apenas para ampliar o conhecimento regional, como também para identificar as características e preservar a memória da formação profissional.

Referências

- Almeida, D. T. R. (1996) *História da criação da Universidade Dom Bosco*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Mackenzie, São Paulo, SP.
- Alves, B. M. & Pitanguy, J. (2003). *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Aulas de Psicologia Clínica iniciarão em agosto, na FUCMT. (1975). *Em Diário da Serra* (pp. 8). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).
- Azzi, E. (2010). A situação atual do psicólogo brasileiro. Em O. H. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.). *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (pp.105-120). Natal: Editora da UFRN. (Originalmente publicado em 1964).
- Badargi, M. P. e outros (2008). Avaliação da formação e trajetória profissional na perspectiva de egressos de um curso de Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(2), 304-315.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A Regulamentação da Profissão Psicologia: Documentos Que Explicitam o Processo Histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 170-191. Recuperado em 18 de setembro, 2016, de <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>
- Bauer, C. (2001). *Breve história da mulher no mundo ocidental*. São Paulo: Xamã/Pulsar.
- Bittar, M. (2009). *Mato Grosso do Sul, a construção de um estado: poder político e elites dirigentes sul-mato grossenses*. Campo Grande, MS: UFMS.
- Cara, B. S. (2017). *Memórias da Psicologia em Campo Grande: uma história do curso de graduação em psicologia da FUCMT (1980-1993)*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS.



- Carvalho, D. B., Seixas, P. S. & Yamamoto, O. H. (2002). Modernização urbana e a consolidação da psicologia em Natal – Rio Grande do Norte. *Psicologia em Estudo*, 7(1), 131-141. Recuperado em 16 de agosto, 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000100016>
- Castro, A. (2014). *História da Missão Salesiana de Mato Grosso (1894-2008)*. Campo Grande, MS: UCDB.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L. & Souza Júnior, E. J. (2012). The Laboratory of Experimental Psychology: establishing a psychological community at a Brazilian university. *Revista Interamericana de Psicologia*, 46(1), 135-142. Recuperado em 16 de março, 2017, de: <http://www.redalyc.org/html/284/28424858013/>
- Coimbra, C. M. B. (1999). Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: Algumas de suas produções. Em A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur & H. B. C. Rodrigues (Orgs.). *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 75-91). Rio de Janeiro: UERJ, NAPE.
- Cunha, L. A. (1988). *A universidade reformada*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Fernandes, E. B. (2003). *Expansão universitária em Mato Grosso do Sul (1979-2003)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Educação, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS.
- Ferreira Neto, J. L. (2010). Uma genealogia da formação do psicólogo brasileiro. *Memorandum*, 18, 130-142. Recuperado em: 12 de maio, 2017, de <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a18/ferreiraneto01.pdf>.
- FUCMT tem “Orelhão”. (1975). *Em Diário da Serra* (pp. 1). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).
- Jacó-Vilela, A. M. J. (2012). História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(num.esp.), 28-43. Recuperado em 13 de março, 2017 de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v32nspe/v32speca04.pdf>.
- Jansz, J. & Van Drunen, P. (2004). *A social history of Psychology*. Malden: Blackwell Publishing.
- Lei n. 4.119 (1962, 27 de agosto). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF.
- Lisboa, F. S. & Barbosa, A. J. G. (2009). Formação em psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(4), 718-737. Recuperado em 16 de março, 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932009000400006&script=sci_abstract&lng=pt.



- Mancebo, D. (1999). Formação em Psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos. Em A. M. Jacó-Vilela, F. Jabur & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio-Psyché: Histórias da Psicologia no Brasil* (pp. 93-120). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Margotto, L. R. & Souza, M. C. C. C. (2017). A constituição de um curso de psicologia durante a ditadura civil-militar no Brasil: investigação a partir dos relatos dos primeiros professores. *Memorandum* (32), 58-77. Recuperado em 16 de junho, 2017, de <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6206>.
- Martins, G. I. V. (2000). *Indicadores demográficos do desenvolvimento econômico no Mato Grosso do Sul (1970-1996)*. Campo Grande, MS: UCDB.
- Miranda, R. L. (2010). *Laboratórios de análise do comportamento no Brasil: percursos na UFMG na década de 1970*. Dissertação Mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG.
- Miranda, R. L., Cara, B. & Delmondes, G. F. S. (2016). Jornais, universidades e psicologia: notas para uma história institucional em MT/MS. Em 3º *CONPCER – Congresso de Psicologia do Cerrado*. Centro Universitário de Várzea Grande. Cuiabá, MT.
- Moro, N. (2012). Uma cidade (in)civilizada: elite, povo comum e viver urbano em Campo Grande (décadas 1960-1970). *Clio: Revista de Pesquisa Histórica*, 30, 1-27.
- Motta, R. P. S. (2014). *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Mulheres invadem a FUCMT. (1975, 12 de janeiro). *Em Diário da Serra* (pp.1). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).
- Parecer n. 3.824* (1974, 07 de novembro). Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Assunto: Autorização para funcionamento do curso de Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Brasília, DF.
- Parecer n. 353* (1978, 14 de fevereiro). Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Assunto: Reconhecimento do curso de Psicologia, habilitação em Licenciatura. Brasília, DF.
- Parecer n. 1097* (1979, 1 de agosto). Ministério da Educação. Conselho Federal de Educação. Assunto: Autorização da habilitação de Formação de Psicólogos das Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso. Brasília, DF.
- Pereira, F. M. & Pereira Neto, A. P. (2003). O psicólogo no Brasil: Notas sobre seu processo de profissionalização. *Psicologia em Estudo*, 8, 19-27. Recuperado em 16 de agosto, 2016, de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000200003>.



- Política do Desenvolvimento Regional na VI SEMEEC. (1975). *Em Diário da Serra* (pp. 8). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).
- Portugal, F. T., Facchinetti, C. & Castro, A. C. (2018). *História social da Psicologia*. Rio de Janeiro: NAU.
- Psicologia: aulas doze dias após encerrado o vestibular (1975, 8 de agosto). *Em Diário da Serra* (pp.1). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).
- Rodrigues, D. J. S. (2013). *A História da Psicologia no Brasil: 40 anos do curso de Psicologia da PUC Goiás*. Goiânia: Editora da PUC Goiás.
- Rothen, J. C. (2008). Os bastidores da Reforma Universitária de 1968. *Educação & Sociedade*, 29(103), 453-475. Recuperado em 16 de março, 2017, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302008000200008&script=sci_abstract&lng=pt.
- Rosas, P.; Rosas, A.; & Xavier, I. B. (1988). Quantos e quem somos? Em Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Quem é o psicólogo brasileiro?* (pp. 194-216). São Paulo: EDICON.
- Rosemberg, F. (1984). Afinal, por que somos tantas psicólogas? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4, 6-12.
- Rudá, C., Coutinho, D. & Almeida Filho, N. (2015). Formação em Psicologia no Brasil: O período do currículo mínimo (1962-2004). *Memorandum: memória e história em psicologia*, 29, 59-85. Recuperado em 18 de agosto, 2016, de [//periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6471](http://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6471)
- Sá, C. P. (2007). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 290-295. Recuperado em 16 de maio, 2017, de <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200015>
- Sá, C. P. (2012). A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, 9(14), 94-103.
- Sampaio, H. (2000). *O ensino superior no Brasil: o setor privado*. São Paulo: FAPESP/Hucitec.
- Seis anos de Diário da Serra – Um jornal de Mato Grosso para o Brasil. (1974, 29 de maio). *Em Diário da Serra* (pp. 3). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).



Van Kolck, O. L. (1975). O exercício da psicoterapia no Brasil. *Revista Interamericana de Psicologia*, 9(1/2), 111-123.

Vestiba de Psicologia: cursinho abre inscrições. (1975, 18 de fevereiro). *Em Diário da Serra* (pp.1). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).

Vestibular de Psicologia: mulheres conquistam a maioria das vagas. (1975, 13 de agosto). *Em Diário da Serra* (pp. 1). (Disponível em Arquivo Histórico de Campo Grande – ARCA, Campo Grande, MS).

Nota sobre os autores

Bianca dos Santos Cara é mestra em Psicologia da Saúde (UCDB). Professora do Centro Universitário UNIGRAN Capital. E-mail: bianca.cara@unigran.br

Rodrigo Lopes Miranda é doutor em Educação (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: rlmiranda@ucdb.br

Márcio Luís Costa é doutor em Filosofia (Universidad Nacional Autónoma de Mexico). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: marcius1962@gmail.com

Data de recebimento: 30/06/2018

Data de aceite: 28/09/2019